

Editorial

Caros leitores,

A História é, por excelência, uma disciplina voltada para o passado. Entretanto, o nosso olhar é condicionado pelas demandas e necessidades do presente. Em um ano como este, marcado por gripes e crises, pegamo-nos a repensar sobre os colapsos e epidemias do passado, em busca, talvez, de soluções para o futuro. Retomando a célebre frase de Marc Bloch, nos perguntávamos, afinal, para que serve a história? Serve para compreender o presente e se preparar para o futuro, ou é apenas mais um exercício retórico, servindo aos anseios pessoais de cada pesquisador?

Entre os discursos sobre a crise na história, ou sobre o esmigalhamento dela, e na sua transformação em mera análise de discursos, cresce cada vez mais o mercado editorial. E a nossa disciplina, em crise ou não, passa a ser consumida vorazmente por um número cada vez maior de pessoas, atraindo novos olhares, chamando a atenção para novos objetos, fontes e métodos (para repetir um lema que já não é exatamente novo).

A *Revista de História* da Universidade Federal da Bahia chega ao segundo número repleta de novidades, com um conjunto de textos em que predominam temas mais próximos ao presente. Ainda que o passado mais remoto seja contemplado (com artigos sobre o processo inquisitorial contra Antônio Vieira, no século XVII, e as estratégias escravas em face do Fundo de Emancipação, no fim do século XIX), a primeira metade do século XX é tema de três artigos, que abrangem desde o Juizado de Órfãos no sul do país até a dinâmica da recepção, no Brasil e no mundo, da teoria da relatividade de

Einstein, passando pela capoeira baiana da época da valentia. Ainda no campo da história da ciência, trazemos um artigo sobre a relação entre os governos da ditadura militar e o mundo acadêmico, com foco na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Esse número é especial porque aponta também para uma bem-vinda ampliação geográfica, tanto da origem das contribuições (que incluem autores produzindo a partir do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais), quanto nos temas tratados, que alcançam as alforrias de escravos no Rio de Janeiro, as crianças de Porto Alegre e mesmo, do outro lado do Atlântico, as mulheres de Moçambique e a discussão contemporânea sobre o lobolo, o dote do casamento costumeiro.

Essa ponte sobre o Atlântico é também o tema da entrevista deste número, com o antropólogo Luis Nicolau Parés, que marca uma homenagem aos 50 anos do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). A entrevista aborda os debates sobre as identidades étnicas na Bahia e nas Américas, e as possibilidades e limitações dos Estudos Africanos feitos no Brasil. Confirmam, ainda, duas resenhas, a primeira sobre o clássico livro de João Reis e Eduardo Silva, *Negociação e conflito*, e a segunda, de uma obra mais recente, *Cartografia da saudade*, de Valter G. Soares.

Trazemos novidades também no nosso site, já que passamos a contar com um *Guia de Acervos*, com informações sobre os principais acervos da cidade de Salvador e os meios para consultá-los.

Chegamos ao segundo número depois de um árduo trabalho, e não poderíamos deixar de agradecer mais uma vez o total apoio do Departamento de História e da Coordenação da Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia a esta iniciativa do corpo discente. Contamos, também, nesta edição, com o apoio financeiro da Capes, através do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad), de extrema importância para a finalização desta edição.

Reiteramos, por fim, o convite a todos os pesquisadores e estudantes, com trabalhos finalizados ou não, a submeter artigos e resenhas para os próximos números e nos ajudar a manter este projeto.